

revista **EDUCAÇÃO ESPÍRITA**

Ano 2 - Número 10 - Setembro / Outubro de 2025



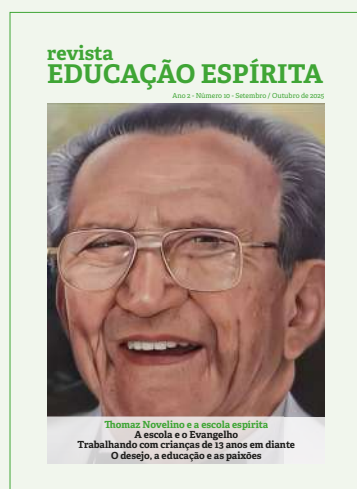
Thomaz Novelino e a escola espírita

A escola e o Evangelho

Trabalhando com crianças de 13 anos em diante

O desejo, a educação e as paixões

SUMÁRIO



REVISTA EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 2, Número 10 - Setembro / Outubro de 2025

Editor-Chefe

Marcus De Mario

Projeto Editorial e Diagramação

A. J. Orlando

Contatos

Whatsapp/Telegram (21) 9.9397-1688

E-mail: revistaeducacaoespirita@gmail.com

Acesse a revista em

<https://www.juventudeespirita.com.br/category/revistas/revistaeducacaoespirita>

A *Revista Educação Espírita* não pertence a nenhuma instituição, sendo trabalho coletivo realizado por educadores espíritas.

Distribuição gratuita.

Colaborações enviadas e não publicadas não serão devolvidas. Reservamos o direito de publicar somente o que estiver de acordo com a linha editorial.

Editorial	3
Entrevista: Espiritualidade, educação e ética	4
Estante Espírita	9
A escola e o Evangelho	10
Desafios inclusivos educativos na Síndrome de Down - perspectiva espírita	13
Pedagogia Espírita	19
O desejo, a educação e as paixões	22
Thomaz Novelino	27
Atividade prática: Trabalhando com crianças de 13 anos em diante	30
O que dizem os Espíritos sobre a arte	32
Divulgando	36
Pensando a educação	37

Colaboradores deste número

Dalva Silva Souza
Gilberto Lepenisk
José Herculano Pires (in memoriam)
Marcus De Mario,
Orson Peter Carrara,
Sonia Hoffmann
Walter Oliveira Alves (in memoriam).

EDITORIAL

Chegando ao número 10 da **REE**, olhamos o caminho percorrido e percebemos que os percalços foram poucos, mesmo porque hoje o movimento espírita está mais robusto e melhor compreende a necessidade da educação/evangelização, assim como a tecnologia atual permite elaborá-la com certa facilidade, entretanto, sendo uma revista de distribuição gratuita, e com conteúdo teórico e prático relevante, o fato de ainda não termos atingido dois mil assinantes nos preocupa, pois acreditamos que a **REE** deveria chegar a muito mais pessoas do que efetivamente está chegando. Por que os evangelizadores e professores espíritas, assim como os dirigentes das instituições espíritas, ainda não despertaram para tão importante publicação?

É fato que não temos como controlar a distribuição da revista pela internet, sabendo que muitos espíritas a repassam em grupos e listas de transmissão, e isso é muito bom e incentivamos, mas essa não é uma forma garantida de receber bimestralmente o exemplar digital, motivo pelo qual conclamamos a todos os interessados que façam seu cadastro, garantindo assim o recebimento periódico da **REE**. Para fazer o cadastro basta acessar o formulário em bit.ly/revista-educacao-espirita.

Aproveitamos para dar continuidade à campanha pela realização no movimento espírita de palestras, simpósios, seminários, encontros e congressos sobre educação espírita, para que cada vez mais o Espiritismo possa realizar a transformação moral da humanidade, conforme proposta dos Espíritos Superiores.

Sabemos que a educação é essencial para a melhora dos indivíduos e da coletividade, e o Espiritismo possui uma proposta educacional transformadora, tanto para a família quanto para a escola, de sua filosofia desdobrando uma filosofia educacional espírita, que por sua vez desenvolve a pedagogia espírita, e assim deságua na educação do Espírito. Não podemos mais perder tempo em assistencialismo e tratamento espiritual do corpo perecível.

Como nos diz Guillon Ribeiro (Espírito), “*que dirigentes e diretores, colaboradores, diretos e indiretos, prestigiem sempre mais o atendimento a crianças e jovens nos agrupamentos espíritas, seja adequando-lhes a ambiência para tal mister, adaptando ou, ainda, improvisando meios, de tal sorte que a evangelização se efetue, se desenvolva, cresça, ilumine.*”

Boa leitura!

Receba meu abraço fraterno

Marcus De Mário
Marcus De Mário
Editor-chefe

Entrevista: Espiritualidade, educação e ética

Redação



Dalva Silva Souza

De 0 a 7 anos, consolidam-se importantes aquisições para toda a existência, por isso acreditamos que os educadores precisam dedicar-se com mais empenho à tarefa junto a esses pequeninos.

Temos a alegria de publicar nesta edição da **REE**, entrevista exclusiva concedida pela educadora espírita Dalva Silva Souza, autora conhecida, e que profissionalmente fez carreira no magistério. Ela fala sobre o Espírito reencarnado, a pedagogia espírita, a educação do Espírito, a evangelização espírita, entre outras abordagens de importância, para as quais chamamos a atenção, pela importância dos temas e pelos excelentes esclarecimentos que são fornecidos. Vamos à entrevista!.

Como você entende o papel da educação no desenvolvimento de um novo estilo de vida para o ser humano?

Dalva - Primeiramente, é preciso entender a necessidade de alteração do estilo de vida. O modo

como estamos atuando tem-se mostrado danoso para nós mesmos e para o mundo. É preciso um novo estilo de vida. Depois, alertamos que a ignorância gera insatisfação e a busca por soluções ilusórias, impedindo que o indivíduo se ajuste ao seu tempo e ao seu contexto social de forma harmônica. A educação bem conduzida, ao mostrar ao educando sua realidade espiritual e suas potencialidades divinas, pode estimulá-lo a realizar as mudanças profundas e efetivas em sua personalidade, auxiliando-o a compreender que é possível encontrar em si mesmo as fontes do bem-estar, pelo desenvolvimento pleno de seus potenciais. Por isso, precisamos pensar na educação que vem sendo praticada em nossa sociedade.

Considerando a criança um Espírito reencarnado, qual é a impor-

tância do período infantil?

Dalva - A criança não é um adulto em miniatura, como se pensava antigamente. Embora a criança possa ser a encarnação de um Espírito bastante experimentado, o fato é que, ao reencarnar, ele esquece o pretérito, a fim de obter a chance de refazer seus próprios caminhos, corrigindo os equívocos cometidos no passado. Assim, precisamos ver a criança como um ser pequenino, frágil, carente de amparo, capaz de assimilar o que acontece a sua volta e inteiramente aberto à ação dos seus educadores. Essa é a importância do período infantil. Nos primeiros anos de vida, o aprendizado se dá pela imitação. A criança imita não só os gestos externos dos adultos, como também seus movimentos internos, porque ela está mergulhada na ambiência energética criada pelos pais. De 0 a 7 anos, consolidam-se importantes aquisições para toda a existência, por isso acreditamos que os educadores precisam dedicar-se com mais empenho à tarefa junto a esses pequeninos.

Na visão da Doutrina Espírita educar é mais que transmitir informações?

Dalva - A Doutrina Espírita é bem explícita ao mostrar que a educação não envolve apenas a aquisição de conhecimentos, mas também o desenvolvimento de virtudes que levem o indivíduo à perfeição pelo entendimento das leis morais que regem o Universo. Como Espíritos imortais, estamos em processo contínuo de evolução com o objetivo de nos aperfeiçoar-

mos.

Você considera viável a escola trabalhar a educação moral, ou isso é papel exclusivo da família?

Dalva - Penso que a escola desempenha um papel muito importante, porquanto não só atua na transmissão dos conhecimentos acumulados pela cultura em que vivemos, mas também age sobre o indivíduo, tornando-o mais consciente de si mesmo e do mundo em que vive. A escola oferece à criança um ambiente rico em possibilidades de novos inter-relacionamentos, gerando estímulo para o desenvolvimento da responsabilidade. A criança precisa preparar-se para o mundo que encontrará fora das paredes do lar, e a escola é uma parte desse mundo que se abre de forma segura, para que o processo de adaptação se desenvolva gradualmente, então penso que, na escola, os educadores devem também trabalhar a educação moral.

Sabendo que o Espírito, através das reencarnações, já desenvolveu até certo ponto seu potencial divino, como dar continuidade a esse processo com a educação?

Dalva - Vale aqui lembrar um fato recente: de 1993 a 1996, desenvolveu-se o trabalho da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com o qual colaboraram educadores do mundo inteiro. Como resultado desse trabalho, surgiu, no Brasil, uma publicação com o título de "Educação - um tesouro a desco-

brir” (2000). De acordo com o que propõe esse trabalho, “a educação deve contribuir para o desenvolvimento integral da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”. A Comissão também atribuiu à educação a importante tarefa de oferecer às crianças, jovens e adultos referências que lhes permitam compreender a si mesmos e o mundo e, a partir dessa compreensão, construir condições para atuar na realidade de maneira autônoma e responsável, interpretando de maneira crítica e consciente os conhecimentos, as tradições e os valores que lhes são transmitidos pela sociedade. Esse aprendizado deve envolver a pessoa de modo integral, não só em sua dimensão intelectual – geralmente a mais exercitada na escola – mas também em sua dimensão espiritual. Então já existe, em nosso contexto cultural, a consciência de como dar continuidade ao processo de educação, considerando a dimensão espiritual, o que nos anima muito. A questão agora é pensar na prática pedagógica que realize isso.

Como auxiliar a criança a desenvolver seu espírito crítico com equilíbrio?

Dalva - Podemos dizer que educar é ensinar a pensar. A capacidade de pensar identifica o ser humano, mas bem poucos sabem usar o pensamento em benefício próprio. A maioria de nós estaciona na faixa dos pensamentos autodestrutivos. Para elaborar ligações mentais cada vez mais abrangentes e favoráveis ao crescimento mental e

espiritual, faz-se necessário adquirir conteúdos novos pelo estudo e pela reflexão. Não se pode ensinar o que não se sabe e, por isso, toda educação é uma autoeducação. Tomando consciência dos próprios atos, é possível estabelecer uma “visão de futuro”, cuja meta seja a felicidade do ser humano na Terra. Se o educador não tiver a capacidade de projetar no amanhã o resultado das sementes que lança, hoje, no psiquismo da criança, ele ainda não tomou consciência da importância do seu papel.

A prática pedagógica proposta pela Doutrina Espírita pode levar o indivíduo a viver sua liberdade ao mesmo tempo em que respeita a liberdade do outro?

Dalva - Sim, a prática pedagógica da Doutrina Espírita promove o uso consciente da liberdade, unindo **livre-arbítrio e responsabilidade moral**. A Doutrina valoriza a educação da consciência, baseada nos princípios de justiça, amor e caridade, levando o indivíduo a respeitar a liberdade do outro. Em vez de impor regras, estimula a autonomia com fraternidade, formando pessoas livres, mas comprometidas com o bem coletivo.

Na elaboração de uma pedagogia espírita, quais elementos devem ser levados em consideração?

Dalva - Na elaboração de uma pedagogia espírita, alguns elementos fundamentais devem ser considerados, a fim de alinhar a proposta educativa com os princípios filosóficos, morais e espirituais da Doutrina Espírita: **1. Visão do ser humano como espírito imor-**

tal - a pedagogia espírita parte da compreensão de que o educando é um espírito em evolução, com múltiplas existências, então a educação visa o progresso moral e intelectual do ser, não apenas sua formação social ou profissional. **2. Livre-arbítrio e responsabilidade** - é preciso respeitar a liberdade de pensamento do educando, incentivando escolhas conscientes e estimular o senso de responsabilidade moral pelas próprias ações. **3. Educação moral como base** - a ética do Evangelho, especialmente nas lições de Jesus, é o alicerce da formação do caráter, o autoco-nhecimento e a vivência do bem são centrais. **4. Desenvolvimento integral do ser** - visar à formação completa: intelectual, emocional, moral e espiritual, valorizando a convivência fraterna, a empatia e o respeito à diversidade. **5. Método dialógico e participativo** - o educador é facilitador, não impositor de verdades, ele é alguém que incentiva o diálogo, a reflexão crítica e a experiência vivida. **6. Inspiração na Lei de Progresso** - a educação é vista como instrumento essencial para o aperfeiçoamento da Humanidade, pela promoção do bem comum e pela construção de um mundo mais justo e solidário. **7. Ação educativa contínua** - a pedagogia espírita não se limita à infância ou à escola: ela é permanente, estendendo-se por toda a vida e ambientes, como o lar, o centro espírita e a sociedade. A pedagogia espírita une **espiritualidade, ética e autonomia**, visando a formação de um ser humano capaz de viver em paz consigo, com o próximo e com Deus. É uma

A prática pedagógica da Doutrina Espírita promove o uso consciente da liberdade, unindo livre-arbítrio e responsabilidade moral.

educação para a vida presente e futura, iluminada pela razão e pelo amor.

Como você avalia na atualidade a evangelização de crianças e jovens promovida pelos centros espíritas?

Dalva - O movimento espírita com a proposta da evangelização infantojuvenil vem oferecendo roteiros muito seguros para essa realização. No começo, havia, em muitas casas espírita, uma imitação da catequese religiosa, mas, à medida que o movimento espírita foi se organizando, surgiram propostas inovadoras. Hoje, temos os documentos orientadores da ação evangelizadora oferecidos pela FEB, que são guias seguros para a implementação da ação nas casas espíritas. Observamos que a dinâmica do desenvolvimento infantil é a dinâmica da noção corporal. Embora saibamos que o ser huma-

no seja tríplice: corpo, perispírito e alma, o corpo não é uma realidade preexistente, ele vai sendo construído na experiência do corpo vivido na relação com o outro. O corpo, por uma síntese original, é a gênese das noções de espaço e tempo, básicas e fundamentais nas elaborações e aquisições cognitivas futuras. Dessa forma, a escola de evangelização na casa espírita não pode ser apenas um lugar de transmissão do conhecimento da moral cristã, mas um lugar em que se produz conhecimento, cultura e muito mais: estrutura-se o indivíduo. Se estamos buscando o indivíduo integrado, o processo educacional, em qualquer área do saber, passa pelo corpo, não apenas um corpo racional e instrumental, mas um corpo de dimensão pulsional onde o prazer e o desejo devem contar. Assim, as aulas de evangelização não devem ser chatas, monótonas e moralistas, mas devem oferecer à criança segurança e conforto, prazer e criatividade, movimento e alegria.

A educação do Espírito pode construir um novo futuro para a humanidade?

Dalva - Sim, a educação do Espírito pode construir um novo futuro para a humanidade — e essa é uma das grandes propostas da Doutrina Espírita. Quando falamos em educação do Espírito queremos apontar para uma formação que vai além da instrução intelectual. Trata-se da educação moral, emocional e espiritual do ser imortal, promovendo a transformação interior por meio do autoconhecimento, do desenvolvi-

mento das virtudes e da vivência das Leis Divinas (justiça, amor e caridade). Ela pode transformar o futuro, porque muda o indivíduo por dentro: a verdadeira mudança social começa na consciência de cada pessoa. Espíritos educados moralmente tendem a construir sociedades mais justas, pacíficas e solidárias, porque se apoiam em valores universais como: a empatia, o respeito, a responsabilidade, a cooperação e o amor ao próximo. A educação do Espírito contribui para o progresso coletivo, sendo um dos principais meios para que a Humanidade evolua e caminhe para um estado de maior fraternidade e harmonia. Ela é a chave para um mundo melhor, porque transforma corações e consciências. Quando os indivíduos despertam para sua natureza espiritual, passam a agir com mais sabedoria, compaixão e responsabilidade — e isso repercute no futuro da Humanidade.

*Dalva Silva Souza, nascida em 1947, é formada em Letras e trabalhou como professora de ensino fundamental, médio e técnico em escolas públicas, municipais e estaduais. Construiu sua base de conhecimentos doutrinários na Associação Espírita Estudantes da Verdade, em Volta Redonda (RJ). Em 1982 mudou-se com a família para Vitória (ES), onde posteriormente foi conselheira e coordenadora de cursos de pesquisa espírita. Foi presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo (FEEES) por dois mandatos consecutivos, entre 2001 e 2007. **REE***

Estante Espírita

A EVANGELIZAÇÃO MUDANDO VIDAS

LUCIA MOYSÉS

Agradável passeio pelo fascinante mundo da evangelização infantojuvenil. Conhecer as nuances desse trabalho grandioso que transforma as crianças e jovens em cidadãos do mundo, com responsabilidade de quem tem a tarefa de mudar a face da Terra, transformando-a em um mundo onde o bem e a paz prevaleçam. Mostra como é possível, através do amor e perseverança, educar o espírito para ter bem aproveitada sua reencarnação em busca do progresso espiritual. Convide a pais e educadores para engrossar essa fileira do bem, seguindo as orientações contidas na Doutrina Espírita, propiciando à nova geração um renovado olhar sobre sua vida e destinação.

Editora EME – 200 páginas



EDUCAÇÃO EMOCIONAL

EMÍDIO SILVA FALCÃO E MARISLEI ESPÍNDOLA

Por meio de perguntas e respostas, apresenta verdadeiro manual de sobrevivência para a vida. Você se considera alguém equilibrado emocionalmente? Sabe quando as emoções influem nos relacionamentos amorosos, na vida familiar, na educação dos filhos e em diversos outros contextos? Como aprender a dizer não aos filhos? O que fazer quando eles não se interessam em estudar? Como alcançar o equilíbrio no relacionamento com o parceiro? Como lidar com sentimentos negativos como depressão, mau humor, preguiça e medo? Saiba a importância de repensar as atitudes e buscar a reforma íntima, a fim de alcançar o equilíbrio emocional...

Boa Nova Editora – 196 páginas

EDUCANDO COM SABEDORIA ESPÍRITA

ANABELA SABINO

JA obra traz reflexões para os pais acerca do direcionamento da educação dentro de casa. As crianças devem ser educadas para pensar por si mesmas, assim como ter responsabilidade sobre as próprias ações. Como educar sem utilizar palavras rudes? Como negar algo sem dizer “não”? Como integrar a criança às ocorrências do lar de forma dinâmica e divertida? Permeado pelas mensagens de Crescendo com Sabedoria, o livro ajuda os pais leitores a refletirem qual a melhor forma de educar os filhos, considerando sempre a linguagem do amor e da paciência. Cada criança é única, mas são os pais os responsáveis por iniciá-las no caminho do bem.

Boa Nova Editora – 208 páginas



A escola e o Evangelho

Não é o Cristianismo muito melhor que qualquer outra doutrina? E se é superior a qualquer outro pensamento filosófico, se é mais completo, perguntamos: não deveria o Cristianismo ser a base da educação integral do ser imortal que somos?



Marcus De Mario

Marcus De Mario é educador, escritor e palestrante. Coordena o Grupo de Estudo Espírita Seara de Luz, do Rio de Janeiro. É editor do canal Orientação Espírita no Youtube. Autor de 35 livros publicados.

Temos aqui um tema sensível. Não é pacífica a aceitação de Jesus como educador e, muito menos, sua presença e aplicação na escola. Compreendemos muito bem essa apreensão, às vezes mesmo rejeição, pois as igrejas que se dizem representantes do Cristo deturparam seus ensinamentos, envolvendo-os em teologias dogmáticas sem racionalidade, afastando o Mestre do dia a dia da humanidade, encerrando-o em templos, cultos, sermões no âmbito religioso. Perdurando por séculos tal situação, e a escola sendo considerada laica, tivemos um distanciamento entre a escola e a igreja, entre a educação e a religião. Ainda nos dias atuais perdura o entendimento que Jesus faz parte apenas do ensino reli-

gioso, e que dele e do Evangelho somente podem falar padres e pastores. Tudo isso reflete um grande equívoco que somente males trouxe para o ser humano, reforçando nele ideias ateístas e materialistas que cumpre sejam combatidas pelas funestas consequências que acarretam ao viver humano. Mas para que esse combate tenha eficácia é necessário gradualmente levar a educação para as ideias espiritualistas, da alma imortal e da vida futura, quando então entenderemos o amai-vos uns aos outros, saindo do egoísmo e do orgulho que ainda caracterizam grande parte dos homens e mulheres.

Cumpramos entender que Jesus não fundou, não criou, nenhuma religião. O Cristianismo deve ser entendido como a doutrina, ou

conjunto de princípios, ensinada pelo Mestre, como, por exemplo, amar a Deus acima de todas as coisas; amar o próximo como a si mesmo; perdoar tantas vezes quanto necessário. A elaboração do Catolicismo, e depois o Protestantismo, é obra dos homens e não daquele que já alcançou o estado de Espírito Puro e veio até nós para exemplificar a lei divina do amor. Os erros cometidos em seu nome o foram pelos homens, não pertencem ao Evangelho, que foi interpretado ao bel prazer de mil interesses ao longo do tempo, afastando o ser humano da verdade. Essa verdade é para todos em todos os tempos, é universal, e nenhuma religião pode se arrogar o direito exclusivo sobre ela. Uma doutrina que ensina o amor ao próximo, que mostra Deus como pai justo e misericordioso, que pede nos reconciliemos com o inimigo, que leva a fazermos ao outro somente o que gostaríamos que ele nos fizesse, entre outros ensinamentos profundos que geram paz, união, solidariedade, ética, pode ficar afastada da educação e, mais especificamente, da escola?

Não é o Cristianismo muito melhor que qualquer outra doutrina? E se é superior a qualquer outro pensamento filosófico, se é mais completo, perguntamos: não deveria o Cristianismo ser a base da educação integral do ser imortal que somos? Mais uma vez: não estamos nos referindo ao catolicismo ou ao protestantismo, ou a qualquer outra denominação religiosa cristã; estamos nos referindo aos ensinamentos morais de Jesus que compõem o Cristianismo.

Esses ensinamentos não são exclusivos dos representantes religiosos, são de alçada de toda e qualquer pessoa. São ensinamentos que, aplicados na educação familiar e na educação escolar propõem uma revolução, uma transformação da humanidade.

Os ensinamentos morais de Jesus, e tão somente eles, é que devem adentrar à educação e revolucioná-la, preparando as novas gerações para estabelecerem uma sociedade baseada na ética e na solidariedade em suas relações de convivência, seja de indivíduo a indivíduo, de coletividade a coletividade, de nação a nação. Os ensinamentos morais do Cristo, colocados em prática, levarão os homens, de todos os pontos do globo à justiça, à espiritualidade e à felicidade. Como vemos, a Doutrina Espírita considera os ensinamentos morais de Jesus como referência para o entendimento de todos, assim, igualmente como base para a educação, sem defender nenhum ponto de vista religioso particular.

Vejamos como aplicar os ensinamentos morais de Jesus na educação, com nosso foco voltado para o professor, o processo ensino-aprendizagem e a escola.

Todos os ensinamentos morais de Jesus têm por base três princípios. Tudo o que ele ensinou e exemplificou seguem esses três princípios, assim enunciados:

- 1) Amar a Deus acima de todas as coisas.
- 2) Amar ao próximo como a si mesmo.
- 3) Fazer ao outro somente o



que gostaria que o outro me fizesse.

Como vemos, são princípios universais e que não pertencem, com exclusividade, a nenhuma religião. São princípios de ordem moral e de relevantes consequências morais para os homens e a humanidade. Colocados em prática, vivenciados no dia a dia, estabelecem uma nova ordem nas relações de convivência, geradora de harmonia, equilíbrio, cooperação, paz e felicidade.

Hoje, em que se fala tanto da necessidade da segurança pública e do judiciário, temos que entender que, se são necessários,

não são a solução para os males sociais, pois a solução está na aplicação da educação moral, aquela que corrige as más tendências do Espírito e lhe desenvolve as virtudes. A competência em desenvolver a educação não pertence apenas à família, pertence igualmente à escola. Quando a escola, decididamente, trabalhar a educação moral, reconhecerá em Jesus um verdadeiro mestre, e no Evangelho um roteiro seguro para a melhor formação das novas gerações, contribuindo assim decisivamente para o melhoramento moral dos indivíduos, e a transformação moral da humanidade. **REE**

Desafios inclusivos educativos na Síndrome de Down - perspectiva espírita



Sonia Hoffmann

Significativa a compreensão de que as atitudes verbais ou posturais utilizadas pela maioria das pessoas tem em relação a alguém com algum estigma, por mais esclarecidas que sejam, podem trazer desconfortos e constrangimentos desnecessários

Descrita em 1866, a síndrome de Down (SD), é conveniente sua contextualização mesmo que resumida, resulta de modificação genética na divisão embrionária que altera a estrutura cromossômica 21 (o menor par no corpo humano). Os cromossomos são 46 estruturas (23 pares) encontradas no interior das células, contendo DNA e muitos genes os quais são responsáveis por instruções que definem a aparência e o funcionamento do corpo. Na condição específica desta síndrome existe uma cópia anormal ou extra. Se a cópia for extra, soma-se 47 e, por isto, podemos referir como uma trissomia (três estruturas no mesmo par cromossômico em lugar de normalmente duas).

Quando a cópia é anormal e não extra, a pessoa permanece com 46 cromossomos, porém, estão unidos. Esta ligação anormal recebe o

nome de translocação. Existe ainda outra possibilidade: haver uma mistura celular e algumas células apresentarem 47 cromossomos (uma cópia extra) e outras possuírem os normais 46. A esta condição, é dado o nome de mosaicismo ou em mosaico.

A reprodução extra do cromossomo 21 geralmente vem da mãe. O risco de o casal ter um bebê com alteração extra aumenta, conforme algumas pesquisas, gradualmente à medida em que a mulher envelhece. Ainda assim, uma vez que a maioria dos nascimentos ocorre em mulheres mais jovens, somente 20% dos bebês com síndrome de Down nascem de mães com mais de 35 anos de idade.

Este esclarecimento corrobora a informação sobre as conquistas de tantas outras pesquisas genéticas, como assinala Joanna de Ângelis (2010) em Dias Gloriosos, porque, com relativo êxito, atualmente mulheres com mais de 50 anos geram

Sonia Hoffmann é membro da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, com formação em Letras, Fisioterapia, Especialização em Deficiência Visual, Mestre em Ciências do Movimento, Doutora em Ciências do Desporto, sendo cega desde os quinze anos de idade.

filhos em perfeito estado de saúde, embora a proposta de eugenia pretenda orientar, de modo castrador, que os casais, para evitarem filhos com alterações genéticas, não procriem com idade avançada ou por meio de relações familiares. Os eugenistas propõem ainda a interrupção da gravidez, de maneira a impedirem o nascimento de filhos enfermos ou com deficiências de qualquer natureza, “em tentativas grotescas de burlar as Divinas Leis...” (p.87).

A chance de uma mulher com síndrome de Down procriar uma criança também na mesma condição é de 50%. Os homens com síndrome de Down, entretanto, geralmente são inférteis, a menos que eles apresentem uma disposição desta síndrome em mosaicismo. Porém, não se pode afirmar taxativamente esta ocorrência quando temos os esclarecimentos trazidos pelo Espiritismo.

O termo síndrome tem o significado de um conjunto de sinais e sintomas. As alterações provocadas pelo excesso de material genético no cromossomo 21 determinam a intensidade das particularidades e aparências típicas, quais sejam: aspecto característico da cabeça, olhos oblíquos semelhantes aos dos orientais, rosto arredondado e orelhas pequenas. É comum a diminuição do tônus muscular, fazendo com que o bebê seja menos estável e rígido fisicamente. Esta hipotonia contribui para dificuldades motoras amplas e finas, de mastigação e deglutição, atraso na articulação da fala e, em 50% dos casos, surgem problemas cardíacos.

Muitas vezes, a língua é grande. Isto, conjugando-se com a hipotonia, faz com que o bebê fique mais frequentemente com a boca aberta. As mãos são menores, com dedos mais curtos e prega palmar única em cerca de metade dos casos. Pode existir excesso de pele na parte posterior do pescoço (nuca). A articulação do pescoço pode apresentar certa instabilidade e, assim, provocar problemas nos nervos por compressão medular.

Geralmente, a estatura é mais baixa. Há uma tendência para obesidade e a doenças endócrinas (como, por exemplo, diabetes e hipotireoidismo. Cerca de 5% das pessoas com SD têm problemas gastrointestinais. Deficiências na visão e auditiva podem estar presentes, com maior risco de infecções no ouvido (especialmente otites). Comprometimento intelectual, de maior ou menor intensidade, pode ser ocasionado e, conseqüentemente, alguma dificuldade de aprendizagem ocorre, tornando-se mais lenta (o que não significa de forma alguma que não aconteça).

Talvez, alguém possa considerar que haja um excesso de detalhes sobre possíveis presenças de singularidades na descrição da SD. Contudo, tal é necessária para servir como uma reflexão sobre os enfrentamentos que este Espírito encarnado e seus familiares encontram para sua expressão e interação social. igualmente, elas são úteis para o entendimento sobre a importância e a necessidade das abordagens de temas inclusivos e adoção qualificada de estratégias de acessibilidades na

sociedade em geral e na instituição espírita em particular, nas mais distintas atividades, sem permanecerem na teoria e sim serem colocadas na mais fluente prática.

Significativa a compreensão de que as atitudes verbais ou posturais utilizadas pela maioria das pessoas tem em relação a alguém com algum estigma, por mais esclarecidas que sejam, podem trazer desconfortos e constrangimentos desnecessários. Como Goffman (1982) pondera,

“os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças” (p.8).

Infelizmente, no ambiente do movimento espírita nem sempre os processos interativos são tranquilos e sem julgamento. Existe ainda uma forte tendência na generalização de que alguma deficiência ou diferença seja somente resultado de alguma expiação, quando, encontramos na literatura que tanto deficiências quanto dife-

deradas como defeitos e sim como possibilidades evolutivas, podem surgir como prova e até em caráter de missão.

Esclarecimentos encontrados em *O Livro dos Espíritos* (Kardec, 2013) e na vasta literatura doutrinária informam que, dependendo do estado evolutivo, podemos escolher o gênero das provas, natureza das dificuldades e tribulações a serem vivenciadas durante a nova existência. Entretanto, diante da inferioridade moral do Espírito (ou da sua má vontade na promoção do próprio progresso espiritual) situações de provas ou expiação são conferidas ou impostas por Deus como providências evolutivas e retificantes.

O Espírito Joanna de Ângelis (2002), exemplificando tal consideração, aponta no livro *Plenitude*:

“o encarceramento nas paresias, limitações orgânicas e mentais, as paralisias, as patologias congênicas sem possibilidade de reequilíbrio, certos tipos de loucura, de cânceres, de enfermidades degenerativas se transformam em recurso expiatório para o infrator reincidente que, no educandário das provas, mais agravou a própria situação” (p. 32).

Embora a afirmação de ser, possivelmente, a SD uma expiação ou ter como causa um outro propósito é, em ocasiões, mera hipótese ou especulação e até pode servir como causa de constrangimento para a criança e para seus familiares (especialmente pais e irmãos). Como são diversas as possibilidades, o mais adequado e fraterno é

uma posição de ser esta condição mais uma oportunidade pedagógica de evolução.

Mesmo porque, como novamente Joanna de Angelis adverte e amplia, Nem todas as limitações, adversidades atuais são necessariamente consequências expiatórias, pois, conforme encontramos ainda no livro *Plenitude*, em nome do amor, existem casos de aparentes expiações - seres vivenciando mutilações, surdez, cegueira, paralisias, Aids, hanseníase, entre outras moléstias, que escolheram essas situações com o propósito de lecionarem coragem e conforto moral aos enfraquecidos na luta e desolados no processo de redenção. Ou seja, fazem a solicitação de algum transtorno para aquisição de diferentes habilidades morais e para colaboração generosa no rompimento de preconceitos e barreiras na sociedade humana.

Assim, prova ou expiação, tudo é um modo de melhoramento - como conclui Allan Kardec, na *Revista Espírita* de setembro de 1863. Além do mais, seja qual for a causa dos sofrimentos, não somos conhecedores absolutos da situação defrontada, e somente esta perspectiva já é suficiente para a advertência dada por Bernardino, em *O Evangelho Segundo O Espiritismo* (Kardec, 2013), capítulo 5, item 27:

“Não haveria imenso orgulho, da parte do homem, em se considerar no direito de, por assim dizer, revirar a arma dentro da ferida? De aumentar a dose do veneno nas vísceras daquele que está sofrendo, sob o pretexto de que tal é a sua

expição? Oh! considerai-vos sempre como instrumento para fazê-la cessar. Resumindo: todos estais na Terra para expiar; mas todos, sem exceção, deveis esforçar-vos por abrandar a expiação dos vossos semelhantes, de acordo com a lei de amor e caridade. - Bernardino, Espírito protetor (Bordeaux, 1863) (p. 100).

Este aconselhamento é complementado em *Leis Morais da Vida*, por Joanna de Ângelis (1977), quando somos convocados à reflexão de que os fracassos nem sempre acontecem solitariamente, ou seja, frequentemente encontramos parcerias e copartícipes no desajuste e até mesmo para a imposição de dificuldades no esforço para o reequilíbrio, originando muitas vezes no transgressor o desânimo e a acomodação em suas aflições, ampliando-se tal conduta para a desistência da sua transformação moral.

O Espiritismo presta imensa contribuição na edificação do reenquanto como doutrina consoladora, esclarecedora e (re)educativa por meio de um conjunto de (inter)ações providas inclusive de adequada pedagogia espírita, sugerida mesma por José Herculano Pires (1985). Independente da causa e do efeito, a pessoa em convívio com a restrição motora, sensorial, intelectual ou desenvolvimental de qualquer ordem, antes de tudo, é uma pessoa, um ser de possibilidades, um Espírito imortal em evolução, que necessita de aprendizagens específicas para a reparação de consequências providas de escolhas mal feitas, imprudências

e para o desenvolvimento de suas habilidades e da sociedade até então desconhecidas, importantes para o desenvolvimento e amadurecimento intelectual e moral.

Sobre o processo de retificação a partir de experiências pela medi- da reencarnacionista, André Luiz (2006), no livro *Missionários da Luz*, capítulo 12, Preparação de Expe- riências, refere importante diálogo mantido com seu instrutor Alexan- dre, que traz importante reflexão:

“ - O problema da queda é também uma questão de aprendizado e o mal indica posição de desequilí- brio, exigindo restauração e cor- rigenda. A evolução confere-nos poder, mas gastamos muito tempo, aprendendo a utilizar esse poder harmonicamente. A racionalidade oferece campo seguro aos nossos conhecimentos; entretanto, André, quase todos nós, trabalhadores da Terra, nos demoramos séculos no serviço de iluminação íntima, porque não basta adquirir ideias e possibilidades, é preciso ser res- ponsável, e nem é justo tenhamos tão somente a informação do racio- cínio, mas também a luz do amor.” (p. 201).

Na continuidade da sua orienta- ção, Alexandre prossegue:

“ - Pois bem, o próprio Jesus nos deixou material de pensamento para o assunto em exame, quando nos asseverou que se a nossa mão ou os nossos olhos fossem motivos de escândalo, deveriam ser cor- tados ao penetrarmos no templo da vida. Compete-nos transferir a imagem literal para a interpretação

simples do espírito. Se já falimos muitas vezes em experiências da autoridade, da riqueza, da beleza física, da inteligência, não seria lógico receber idêntica oportuni- dade nos trabalhos retificadores.” (p. 202).

O instrutor afetuosa e preci- samente ainda esclarece quando perguntado sobre a lei da heredi- tariedade fisiológica:

- Funciona com inalienável domí- nio sobre todos os seres em evo- lução, mas sofre, naturalmente, a influência de todos aqueles que alcançam qualidades superiores ao ambiente geral. Além do mais, quando o interessado em expe- riências novas no plano da Crosta é merecedor de serviços ‘interces- sórios’, as forças mais elevadas podem imprimir certas modifica- ções à matéria, desde as ativida- des embriológicas, determinando alterações favoráveis ao trabalho de redenção.” (p. 204).

Sendo assim, o importante é o acolhimento inclusivo, fraterno, amoroso e responsável desde a atividade de Evangelização infan- tojuvenil na instituição espírita, o trabalho conjunto com os pais e familiares, e expandir todos os procedimentos includentes e de estratégias de acessibilidades para as mais distintas atividades presentes. Importante que este acolhimento e oportunidade de interação desenvolva a maior e melhor autonomia, independência e segurança possíveis a partir de procedimentos adequados, coo- perativos e sem colocar aquele ser

que vivencia a Síndrome de Down em afastamento social, situação embaraçosa, respeitando sua idade, capacidades, potencialidades e o modo diferenciado de expressão da sua inteligência e do seu desejo de aprendizagem.

Alguém, pelo fato de apresentar nesta existência a SD, precisa ser entendido como incentivo para o crescimento, sem compará-la como uma criança quando já se encontra em etapa juvenil ou adulta, porque modificações hormonais e graus de elaborações mentais vem se realizando. Talvez, atividades mediadas e intermediárias precisem ser concebidas com intervalos de interação conjunta com os respectivos grupos ao qual possa ser vinculado. Igualmente, não é possível considerar que todos com SD, apesar de terem características físicas muito próximas, se expressem ou possuam as mesmas intensidades de auxílios ou dificuldades para o estabelecimento de interações efetivas, pois cada qual mantém sua individualidade, bagagem espiritual própria, grau de estímulo na cultura familiar diferenciado e evidente influência para mais ou para menos da cópia cromossômica ser anormal ou extra.

Conclusivo, então, é acolher, cooperar, esclarecer, oportunizar vivências e acreditar na possibilidade evolutiva de cada ser por trajetórias alternativas. O desafio de conviver e educar alguém com Síndrome de Down, assim, passa a se igualar com a proposta metodológica, programática e atitudinal apropriada que deve ser compartilhada com qualquer outra pessoa, quando nela são respeitadas as

potencialidades, desejos, aptidões e interesses a partir de abordagem inclusiva, flexibilizada e construída dinâmica e conjuntamente.

Referências

1. André Luiz (Espírito). *Missionários da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 41. ed. Brasília: FEB, 2006.
2. Ângelis, Joanna de (Espírito). *Dias gloriosos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 4ª ed. Salvador: Centro Espírita Caminho da Redenção, 2010.
3. Ângelis, Joana de (Espírito). *As Leis morais da vida*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1977.
4. Ângelis, Joanna de (Espírito). *Plenitude*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 13. ed. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 2002.
5. Goffman, Erwing. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
6. Kardec, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 131. ed. Brasília, DF: FEB, 2013.
7. Kardec, Allan. Sobre a expiação e a prova. *Revista Espírita*. Rio de Janeiro, ano VI, n. 9, p. 365-371, set. 1863.
8. Kardec, Allan. *O Livro dos espíritos*. 4. ed. Brasília, DF: FEB, 2013. p. 97, 133, 195-196, 292, 335, 349-350, 353.
9. Pires, José Herculano. *Pedagogia espírita*. São Paulo: EDICEL, 1985.

Pedagogia espírita



José Herculano Pires

Não podemos esquecer que ao lado da Cultura Greco - Romana havia a Cultura Judaica, uma cultura teológica que se fundava na ideia do Deus Único, inaugurando o monoteísmo no mundo politeísta de então.

A Pedagogia Espírita já existe. Está, por assim dizer, entranhada nos princípios doutrinários. Por isso mesmo não está sistematizada. Assim também aconteceu com a Pedagogia Cristã. Etranhada nos Evangelhos, inspirou a criação das primeiras escolas cristãs e a elaboração dos primeiros manuais educativos do Cristianismo. Mais tarde, desenvolvido o Cristianismo, surgiram as sistematizações da Pedagogia Cristã, que se opunham ao esteticismo pagão da Pedagogia Grega e às finalidades pragmáticas da Pedagogia Romana.

O que é preciso que se compreenda, antes de encarar o problema em si da Pedagogia Espírita, é o processo histórico da renovação da Cultura através de ciclos culturais que caracterizam as fases sucessivas da evolução humana. No

período acima temos um exemplo dessa sucessão. A Cultura Greco - Romana havia atingido os limites do seu desenvolvimento. Suas grandes religiões mitológicas fundiam-se numa só. Mas já não correspondiam às exigências da época. Gregos e romanos estavam saturados das lendas mitológicas e buscavam a verdade oculta atrás desse véu de fabulações. Foi então que surgiu o Cristianismo.

Não podemos esquecer que ao lado da Cultura Greco - Romana havia a Cultura Judaica, uma cultura teológica que se fundava na ideia do Deus Único, inaugurando o monoteísmo no mundo politeísta de então. Mas, pela própria necessidade de sobrevivência, essa cultura se fechava num exclusivismo absoluto. Faltava ao Judaísmo a compreensão de Deus em sentido universal. Os judeus eram os puros, os outros eram impuros, como gregos e romanos eram civilizados

e os outros povos eram bárbaros. Não era possível universalizar a rígida religião judaica, apegada ao chão e à carne, presa pela tradição milenar aos ancestrais judeus e sua aliança particular com Deus, o terrível e ciumento Jeová das matanças coletivas.

O Cristianismo, nascendo das próprias entranhas do Judaísmo, rompeu a estrutura sociocêntrica da cultura judaica e abriu-se para o mundo através do conceito renovador da fraternidade humana. Jesus substituiu o Jeová hebraico pelo Pai universal. Deus deixava de ser judeu para se universalizar. Era o pai de todas as criaturas, de todos os homens, de todos os povos e de todas as raças. A Educação Judaica não podia servir a essa ideia absurda, revolucionária, como não o podiam as formas da Educação Grega e da Educação Romana. Os cristãos, na proporção em que o Cristianismo se expandia, foram sentindo a necessidade de criar o seu próprio sistema educacional.

Não era possível submeter a nova cultura espiritual às restrições mitológicas de gregos e romanos ou às exigências rituais dos judeus. As escolas cristãs surgiram como surgiriam mais tarde as escolas espíritas — por uma exigência natural da nova situação pelos princípios cristãos. Começaram timidamente e logo surgiram os atritos com as autoridades romanas. Como poderiam os professores cristãos ensinar as lendas mitológicas? Mais tarde, Julianos, o apóstata inverteria os termos dessa situação, mandando cassar o direito de lecionar aos professores

cristãos, sob o pretexto de que não seriam sinceros ao se referirem aos mitos da religião oficial do Império. Esse episódio nos mostra a importância política da Educação, por suas consequências na formação cultural do povo.

Com o correr do tempo, a Pedagogia Cristã superou as antecessoras clássicas. Mas na proporção em que os mitos foram de novo invadindo a Cultura Cristã e as igrejas se afundavam na política e se paganizavam, a Pedagogia Cristã se diluiu em numerosas formas pedagógicas, correspondentes a diversas ordens religiosas. Hoje não temos uma Pedagogia Cristã no sentido geral, mas diversas Pedagogias adstritas a diversas Ordens. Com a Reforma, surgiram as Pedagogias do Protestantismo. Esse episódio mostra como as diferenciações culturais exigem também elaborações pedagógicas específicas.

O desenvolvimento da Cultura Espírita nos acena com a mesma possibilidade. As diferenciações culturais são inevitáveis no desenvolvimento das várias culturas, e quanto maior a expansão da cultura, tanto maior será o número de diferenciações que podem ocorrer. Por outro lado, a evolução da Cultura Espírita poderá e deverá mesmo abrir novas perspectivas educacionais. Essa a razão por que, no título deste trabalho, usamos o recurso a (e uma) Pedagogia Espírita. Existe a Pedagogia Espírita na própria estrutura da Doutrina, mas qualquer sistematização que fizermos não será “a”, mas “uma” Pedagogia Espírita, sujeita a revisões futuras. E poderão surgir no

futuro tantas Pedagogias Espíritas quantas se fizerem necessárias, de acordo com as diferenciações culturais que ocorrerem em diversos países. A unidade desses sistemas, entretanto, será garantida pelo modelo inicial e fundamental que permanece nos princípios essenciais da Doutrina. Uma Pedagogia só será espírita se estiver fundada nesses princípios.

Kilpatrick sustenta que uma doutrina da Educação só pode ser pessoal e subjetiva. Isso porque a unidade da doutrina exige a elaboração pessoal e cada educador tem as suas concepções ou posições próprias na interpretação dos fatos e dos resultados das pesquisas e experiências. E o mesmo que se dá no campo filosófico, onde os filósofos de uma mesma corrente divergem entre si sobre vários pontos, embora permaneçam unidos pela filiação única a uma visão geral do homem e do mundo.

Estamos em face da lei da unidade na diversidade. Não se trata de um fenômeno específico do processo pedagógico ou filosófico, pois nas Ciências e em todas as demais atividades humanas ocorre o mesmo. Cada criatura humana é uma consciência pessoal, não obstante a consciência humana seja a mesma em seus fundamentos. Essa diversidade caracteriza a riqueza e a dinâmica da vida. Se quiséssemos esquematizar o pensamento, encerrá-lo em padrões definitivos, estagnaríamos a vida, impediríamos o progresso e sufocaríamos o espírito. Mas as esquematizações progressivas são necessárias, como instrumentos temporais de trabalho, de aplica-



ção dos princípios, na medida do possível, à realidade concreta do momento em que vivemos.

Por isso a elaboração da Pedagogia Espírita é uma necessidade urgente para a orientação do processo pedagógico nas escolas espíritas, que já são uma realidade social e cultural concreta. As escolas espíritas sentem essa necessidade e é de urgência a realização de estudos, de pesquisas, de experiências — e sobretudo de cursos intensivos de Pedagogia no meio espírita — para que possam surgir os pedagogos espíritas, devidamente aparelhados com os instrumentos da cultura atual e com as sugestões doutrinárias, que deverão transformar em novos instrumentos culturais no campo do ensino e da educação.

Do livro *Pedagogia Espírita*, de José Herculano Pires, publicação da Editora Paidéia. **REE**

O desejo, a educação e as paixões

A educação, por sua vez, mais que instrução que se adquire, está na moralização dos próprios hábitos e comportamentos, que redundem em polidez, fraternidade, moralidade e intenso esforço de melhorar a si mesmo e simultaneamente beneficiar aqueles que estão à nossa volta, em qualquer momento ou situação.



Orson Peter Carrara

desejo

O A palavra desejo lembra vontade, que inclusive é uma de suas definições. É a vontade de possuir algo, de alcançar um objetivo, de ir ou estar em algum lugar, de desfrutar de algum benefício, posição, cargo, título ou até um apetite alimentar e mesmo uma atração sexual. Digamos, em síntese, que trata-se de uma aspiração humana.

A própria conjugação do verbo indica: ter vontade, sentir desejo, entre outras definições.

Os desdobramentos de um desejo são muito variáveis, entre os quais destacamos:

- a) Poderá ser uma cobiça que redunde em prejuízo alheio;
- b) Pode enquadrar-se numa ambição desaconselhável;

c) Apresentar-se como uma pretensão descabida e fora de propósitos;

d) Significar um ideal superior que beneficie toda uma época, uma região, e, em alguns casos, a humanidade toda, para séculos;

e) Ser um esforço individual para melhora própria que signifique felicidade própria com resultados diretos para os que convivem com essa pessoa

Claro que a lista não termina aí. Muitos outros itens podem ser acrescentados e cada um dos acima destacados pode abrir vasto leque em que se podem situar exemplos e exemplos, casos, circunstâncias e ocorrências na área individual, familiar, social, coletiva, podendo ser benéfico ou resultar em danos, a depender do

*Orson Peter Carrara
reside em Matão
(SP), é escritor e
palestrante espírita.*

direcionamento que recebe.

Enquadram-se aí os comportamentos que respeitam ou desrespeitam, que violentam ou amam, da dedicação ou da indiferença, do esforço ou da negligência, face aos desejos despertados na alma humana, que tanto podem ser direcionados para o bem geral e de si mesmo, como resultar em prejuízos consideráveis, igualmente para si mesmo ou para muitos.

A educação

Afinal, como disciplinar o desejo correta e coerentemente? Como transformar esse sentimento de querer numa fonte de alegrias para si mesmo e para muitos? As situações são variadas, claro, individuais e coletivas.

A educação, por sua vez, mais que instrução que se adquire, está na moralização dos próprios hábitos e comportamentos, que redundem em polidez, fraternidade, moralidade e intenso esforço de melhorar a si mesmo e simultaneamente beneficiar aqueles que estão à nossa volta, em qualquer momento ou situação.

É exatamente pela ausência dessa educação do querer que temos vivido o caos social da indisciplina e do desrespeito às mais elementares noções de civilidade e cidadania. Fruto, sem dúvida, da ausência de construção sólida desde a infância do querer educado. Tarefa dos educadores, mas não restrito a eles, pois que inicia-se com os pais e amplia-se para os adultos em geral. Guardamos todos o dever de transmitir às crianças os bons exemplos de civilidade, de desejos educados e disciplinados.

**É exatamente
pela ausência dessa
educação do querer
que temos vivido
o caos social da
indisciplina e do
desrespeito às mais
elementares noções
de civilidade e
cidadania**

O desejo simplesmente liberado, sem refletir sobre consequências e desdobramentos, sem respeito à presença ou interesses alheios, tem sido um dos fatores da violência na vida social.

Se pensarmos bem, as agressões – inclusive as econômicas e sexuais – são resultantes dos desejos desenfreados, alheios ao respeito que devemos uns aos outros e mesmo à indiferença aos sentimentos de outras pessoas. É o desejo desordenado, comparável à direção de um veículo sem freios ou à montaria de um animal desesperado que não controla os caminhos que vai atravessando.

É mesmo o descontrole das emoções convertidas nos desejos, que aguarda a correção da educação. Isso leva à velha questão das paixões.

As paixões

Allan Kardec usou as questões 907 a 912 de O Livro dos Espíritos para tratar do tema. Os Espíritos foram claros: a paixão não é um mal em si mesma, pois que é natural. Mas observam com propriedade: a paixão está no excesso acrescentado à vontade. E acrescentam com sabedoria: “(...) o princípio foi dado ao homem para o bem, e as paixões podem levá-lo a grandes coisas, sendo o abuso que delas se faz que causa o mal.” (grifo é meu).

Três detalhes a chamar nossa atenção na resposta da questão 907:

- a) Excesso acrescentado à vontade;
- b) O abuso que dela se faz (das paixões) é que causa o mal;
- c) O princípio foi dado ao homem para o bem.

Voltamos à questão do desejo educado. E mais clara não poderia ser a resposta à questão seguinte, a 908. Afirmam os Espíritos: As paixões são como um cavalo que é útil quando está dominado, e que é perigoso, quando ele é que domina. Reconheci, pois, que uma paixão torna-se perniciosa a partir do momento em que não podeis governá-la e que ela tem por resultado um prejuízo qualquer para vós ou para outrem.

Após a resposta, Allan Kardec acrescenta: As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o ajudam na realização dos objetivos da Providência. Mas se, em lugar de as dirigir, o homem se deixa dirigir por elas, cai nos excessos e a própria força que, em suas mãos, poderia fazer

o bem, recai sobre ele e o esmaga. (...).

Podemos notar, com facilidade, a questão, pois, da vontade, do desejo e do controle sobre ele. Quando descontrolado e dominador, torna-se um mal. Uma paixão por uma invenção, por exemplo, dominada pela disciplina, pelos estudos e pesquisas, que elimina o fanatismo e nutre o ideal a que destina, é extraordinária no alcance do objetivo. Por outro lado, o desejo descontrolado de uma atração sexual e, portanto, sem domínio que gera o raciocínio, pode gerar traumas e tragédias, sofrimento e lágrimas. É a educação do desejo! Saber desejar, direcionar a vontade.

Causa maior

A causa maior, contudo, da presença de um desejo descontrolado, está, todavia, no egoísmo. Claro que a precipitação, o não amadurecimento, o não equilíbrio emocional apresentam-se como ingredientes de expressão, mas como ensinam os espíritos: do egoísmo deriva todo o mal (questão 913 da mesma obra).

Sim, se pararmos mesmo para pensar num desejo descontrolado, em qualquer área, que gera sofrimentos, no fundo está o egoísmo do interesse pessoal. No fundo está o desrespeito com o sentimento alheio.

Mas o oposto também é real. No desejo harmonizado que busca beneficiar alguém, que se esmera na conquista de um saber, na concretização de um ideal ou na movimentação de recursos educativos e culturais, por exemplo, em favor do crescimento humano, está

a presença da alma educada pelos sentimentos e ideais superiores, que sabe direcionar a vontade, que gera desejos altruístas.

A consciência solidária, como ensinam os espíritos na questão 799 de O Livro dos Espíritos, a ser disseminada e desenvolvida pela noção clara e racional da imortalidade – que elimina a dúvida sobre essa patente realidade – faz com que os desejos sejam direcionados para o bem porque, afinal, a influência do Espiritismo no progresso é imensa, uma vez que “(...) ele ensina aos homens a grande solidariedade que deve uni-los como irmãos.”, conforme texto final na questão citada.

Muito expressivo

Não é por acaso que os Espíritos, respondendo a Kardec na questão 917 da mesma obra citada no parágrafo anterior, indicam que “De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar-se é o egoísmo, porque ele se prende à influência da matéria (...)”. Mas na sequência da mesma resposta, encontramos a chave da questão.

Referindo-se à influência da matéria – limitadora por excelência em todos os sentidos, inclusive, é claro, das percepções claras dos objetivos de viver –, eles completam o raciocínio: “(...) o homem, ainda muito próximo da sua origem, não pode se libertar, e essa influência concorre para o sustentar: suas leis, sua organização social, sua educação (...)”. É um processo natural porque a experiência material promove o progresso por meio das vivências



que se repetem para o aprendizado e, claro, essa influência, como ensinam, age poderosamente sobre as leis, a organização social, a educação. Com isso surgem as imperfeições, evidente, das leis, dos costumes, dos hábitos, da organização social, que passam de gerações para gerações, com desdobramentos expressivos ao longo do tempo. Mas, na mesma questão, completam com sabedoria:

- a) O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material;
- b) O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes

e as crenças, transformará os hábitos, os usos e as relações sociais;

c) O egoísmo se funda sobre a importância da personalidade; ora, o Espiritismo bem compreendido (...) faz ver as coisas de tão alto, que o sentimento de personalidade desaparece.

Note o leitor os detalhes das expressões:

a) Predominância da vida moral;

b) Transformará os hábitos e as relações sociais;

c) O sentimento de personalidade desaparece.

Os três itens relacionados, extraídos da parte da resposta à questão 917, já citada, educa o sentimento, o desejo, por consequência. É o sentimento de personalidade – advindo da predominância da vida material – que gera o desejo desordenado que não respeita ou não pensa nas consequências e desdobramentos das próprias vontades colocadas buscarem satisfações a qualquer custo.

O mesmo raciocínio, como vimos, é válido do lado oposto. Os mesmos três itens convidam a ponderação, o discernimento e o raciocínio a se fazerem presentes nos direcionamentos dos desejos que geram escolhas sadias que a ninguém prejudiquem. Esse conter dos desejos é saudável, claro, até para o próprio protagonista da experiência, pois que o previne de consequências que podem ser desastrosas e o livra de aflições futuras que efetivamente podem ser evitadas com a educação do desejo.

É o que vamos encontrar, na

**Uma paixão por
uma invenção, por
exemplo, domina-
da pela disciplina,
pelos estudos e
pesquisas, que eli-
mina o fanatismo e
nutre o ideal a que
destina, é extraor-
dinária no alcance
do objetivo.**

temática das aflições, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, exatamente no capítulo 5: Bem-Aventurados os aflitos, especificamente nos subtítulos Causas atuais das aflições e Causas anteriores das aflições.

Entre os parágrafos dos citados subtítulos, extraímos para conclusão das reflexões do presente artigo:

a) Quantas pessoas arruinadas por falta de ordem, de perseverança, por má conduta e por não terem limitado seus desejos!

b) Quantas dissensões e que-elas funestas se teria podido evitar com mais moderação e menos suscetibilidade.

Limitação dos desejos, moderação nos comportamentos. Eis o que precisamos aprender. **REE**

Thomaz Novelino

Apesar dos dissabores com a crise financeira que o obrigou a reduzir as atividades educacionais e assistenciais, Thomaz Novelino nunca desistiu do seu ideal, certamente amparado espiritualmente por Eurípedes Barsanulfo, lutando com todas as suas forças para manter a escola, esforço esse que resultou numa verdadeira dádiva.

Nosso destaque é para um homem que bebeu na fonte dos ensinamentos e exemplos de Eurípedes Barsanulfo e, com o tempo, de médico humanitário passou a educador de almas, realizando uma obra excepcional no interior paulista. Estamos falando de Thomaz Novelino, reconhecido internacionalmente pelo trabalho educacional que realizou.

Thomaz Novelino nasceu em 08 de outubro de 1901, em Delfinópolis. Minas Gerais. Filho de Thomaz Novelino de Aquino e Auta Maria das Dores Novelino, aos sete anos de idade ficou órfão de pai e mãe e foi internado no Orfanato “Anália Franco”, em São Paulo.

Profissionalmente exerceu a medicina, tendo feito o curso na cidade do Rio de Janeiro.

Na sua infância estudou no Colégio Allan Kardec, de

Sacramento, MG, dirigido por Eurípedes Barsanulfo, a quem se referiu sempre com gratidão: “Devo a ele tudo que sou”.

Ele e sua esposa fundaram na cidade de Franca, estado de São Paulo, a Escola Pestalozzi e a Fundação Educandário Pestalozzi, cujos recursos para a manutenção vinha de uma fábrica de calçados.

O Educandário Pestalozzi é hoje um dos mais importantes estabelecimentos de ensino do Brasil, com mais de mil alunos.

Em 1916, passou a estudar com Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento/MG, e lá permaneceu até 1918, quando foi para Muzambinho, e, de lá, se graduou pela Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. Chegou a Franca em 1933 e pretendia ficar só por uns tempos para o tratamento de um amigo no Hospital “Allan Kardec”. Acabou tornando-se médico do hospital, onde atuou

como voluntário durante 27 anos e foi também redator do jornal “A Nova Era”, onde publicou uma série de artigos, reunidos no livro “Escritos Espíritas: uma militância pedagógica”.

Casou-se, no dia 24 de junho de 1936, com a professora Maria Aparecida Rebêlo Novelino, que residia em Ribeirão Preto. Tiveram seis filhos: Eneida, Icléia, Alcione, Cleber, Climene e Jesiel.

No início de sua carreira profissional, clinicou em Ibiraci e Monte Santo. Em Franca, exerceu a medicina como cirurgião, parteiro e clínico geral. Atendia no Hospital “Allan Kardec”; na Santa Casa de Misericórdia, onde foi diretor clínico por muitos anos, e lecionou Medicina Legal na Faculdade de Direito. Aparecida, sua esposa, era professora e tinha o sonho de ter uma escola, que também era sonho de Thomaz. Em primeiro de agosto de 1944, nascia a Escola Pestalozzi.

Para conseguir dinheiro para a manutenção da Escola Pestalozzi, uma vez que o rendimento do casal Novelino não era suficiente, iniciou-se então a Fábrica de Calçados Pestalozzi. Com o passar do tempo, a escola se transformou em uma Fundação, surgindo o Lar-Escola, a Unidade II, a Unidade III, a Fazenda Pestalozzi e o Observatório Astronômico “Eurípedes Barsanulfo”.

Dentre as instituições de ensino vinculadas à Fundação, esteve a Faculdade Pestalozzi, atualmente Unifran

(Universidade de Franca). A unidade foi a primeira de Franca a oferecer cursos tecnológicos em moldes semelhantes aos da Fatec. Na década de 1990, houve uma crise no setor calçadista, que atingiu a fábrica, que era a maior fonte de recursos da Fundação e houve a necessidade de algumas medidas de economia, reduzindo o trabalho humanitário até então desenvolvido. A fábrica fechou, a fazenda foi vendida para cobrir dívidas, a unidade III foi desativada, o observatório perdido e houve redução de vagas nos lares escola.

Apesar dos dissabores com a crise financeira que o obrigou a reduzir as atividades educacionais e assistenciais, Thomaz Novelino nunca desistiu do seu ideal, certamente amparado espiritualmente por Eurípedes Barsanulfo, lutando com todas as suas forças para manter a escola, esforço esse que resultou numa verdadeira dádiva.

Sem antes nunca ter saído do Brasil, aos 94 anos, em pleno inverno europeu, Thomaz foi à Suíça, pois o seu trabalho fora reconhecido internacionalmente, e no ano de 1996, recebeu uma homenagem: a Fundação Educandário Pestalozzi foi considerada, dentre as muitas existentes no mundo, uma daquelas que mais se aproxima do modelo idealizado pelo grande educador Pestalozzi.

Thomaz Novelino desencarnou aos 99 anos de idade, no dia 31 de outubro de 2000. **REE**



Atividade prática: Trabalhando com crianças de 13 anos em diante



Walter Oliveira Alves

O pensamento abstrato – teoricamente, esta turma está adquirindo a capacidade de trabalhar o pensamento formal, abstrato.

Enquanto a turma até 12 anos pensa com maior facilidade através do concreto, o adolescente já pode trabalhar o abstrato, imaginar possibilidades, formar hipóteses, trabalhar o pensamento científico.

No entanto, a idade não é um parâmetro fixo. Cada grupo de crianças tem suas próprias características. Procure trabalhar a sua realidade, procurando conhecer as particularidades de cada um.

Não hesite em trabalhar com o concreto. Mas procure, gradualmente, estimular o raciocínio lógico e trabalhar a razão, aprofundando o aspecto científico e filosófico da Doutrina Espírita.

Trabalhos em grupos, pesqui-

sas – procure trabalhar em grupos, com dinâmicas adequadas, pesquisas, trocas de ideias. O desenvolvimento da razão e da lógica, levando a compreender a necessidade do desenvolvimento moral. Sentimento e razão tendendo a um equilíbrio.

Vivências – embora trabalhando o pensamento formal, abstrato, não se deve excluir a vivência em nenhuma turma. O desenvolvimento do pensamento formal levará o Espírito aos elevados pensamentos da ciência e da filosofia. Todavia, para se trabalhar o “todo”, o homem que pensa, sente e age no bem, é necessário intensificar a vivência, equilibrando a razão e o coração com a ação no bem.

Participar de atividades assistenciais, campanhas, promoções. Visitar outras instituições, asilos, hospitais, lares coletivos, favelas

Walter Oliveira Alves (1952-2018) foi pedagogo, psicanalista e professor universitário. Foi diretor do Instituto de Difusão Espírita, de Araras/SP, onde coordenou a área infantojuvenil, sendo autor de diversas obras sobre educação à luz do Espiritismo.

etc.

A caridade é o amor em ação e precisa de exercício. O longo processo de descentração se amplia quando o jovem se volta para as necessidades do próximo, conduzindo ao amor-doação, ao amor universal.

As artes – da mesma forma que vimos nas idades anteriores, as artes servirão de canal para a energia criativa do jovem, especialmente da energia sexual que desabrocha a partir dessa idade. Propicie oportunidade de participação nas atividades artísticas, criando grupos de teatro, música, dança, artes plásticas...

A literatura – a formação de uma biblioteca oferecerá o manancial riquíssimo da literatura espírita, em seus aspectos científico, filosófico e moral ou religioso.

Procure incentivar a pesquisa diretamente nas obras básicas. O jovem deve conhecer Kardec diretamente de suas obras. Realize algumas pesquisas na Revista Espírita, levando os jovens a conhecer todo o maravilhoso trabalho de Kardec. Procure explorar também as obras de André Luiz ou romances de Emmanuel e de outros autores desencarnados ou não.

A criança que já teve oportunidade de conhecer a Doutrina Espírita a partir de Kardec, como é nossa proposta para toda a evangelização, terá subsídios interiores suficientes para analisar as obras que, muito provavelmente, lhe cairão nas mãos. Daí a importância de se conhecer a Doutrina Espírita em suas bases fundamentais, a

partir de O Livro dos Espíritos.

Jornais – incentive a participação em jornais ou boletins internos, escrevendo crônicas, artigos extraídos dos estudos em grupo, entrevistas, reportagens etc. O jovem necessita participar, atuar de maneira intensa para trabalhar sua energia criativa.

Participação nas demais atividades da casa – a casa espírita deve abrir suas portas à participação do jovem em todas as suas atividades doutrinárias, assistenciais etc.

O Espírito que retorna traz um programa de vida que inclui o seu trabalho na Seara Espírita. Ao adulto cabe o dever de abrir caminho e oferecer oportunidade de trabalho a esse jovem. Será ele o futuro dirigente, o futuro diretor de departamento, o futuro trabalhador das diversas atividades da casa.

O jovem deve vivenciar uma liderança democrática e cristã em sua essência, sem personalismos e autoritarismos desnecessários. O clima de trabalho deve ser sempre de fraternidade, amizade e cooperação.

.

(Do livro *Introdução ao Estudo da Pedagogia Espírita*, capítulo 41).

REE

O que dizem os Espíritos sobre a arte



Gilberto Lepenisck

O Espírito Emmanuel, no livro *O Consolador*, diz que a arte pura “é a mais elevada contemplação espiritual por parte das criaturas. Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação desse “mais além” que polariza as esperanças da alma. O artista verdadeiro é sempre o “médium” das belezas eternas e o seu trabalho em todos os tempos foi tanger as cordas vibráteis do sentimento humano, alçando-o da Terra para o infinito e abrindo em todos os caminhos a ânsia dos corações para Deus nas suas manifestações supremas de beleza, sabedoria, paz e amor.”

Gilberto Lepenisck é colaborador do jornal Correio Espírita; diretor e autor de peças teatrais

Sendo assim, na atualidade, devemos nos preocupar com o

consumo de muitos produtos, cujo título sugere um trabalho de arte com temática espírita. Nem tudo que reluz é ouro. Conforme orientou Allan Kardec, cabe-nos antes de tudo fazer um estudo cuidadoso, utilizando o método de observação e comparação para, então, admitir como sendo uma verdade. O critério deve ser meticuloso, isento de corporativismo, porque estamos todos comprometidos com o avanço de uma Doutrina ditada pelos Espíritos Superiores.

Aos artistas cabe usufruir da qualidade do pensamento desses Benfeitores Espirituais e tentar ao menos aproximar-se de suas exortações, sem a pretensão vaidosa de acrescentar algo pessoal. Devemos sim, divulgar as verdades imperecíveis de Jesus Cristo sem utilizar contornos inúteis, que

só depõem contra o ideal espírita. Temos agora a oportunidade de colaborar na manutenção e na elevação espiritual da humanidade através da arte, e não podemos ficar a mercê de impetuosos tufões que visam tão-somente o atraso da civilização.

Quando o crítico procurou Allan Kardec, na proposta absurda de participar de uma ou duas sessões espíritas, para que ele pudesse tirar suas conclusões sobre o Espiritismo, o mestre de Lion, impugnou imediatamente a sua estratégia sombria de malbaratar o tempo precioso. Para Allan Kardec, o Espiritismo era e é coisa séria, uma realidade divina. Então, por que tanta produção desnecessária em nome do Espiritismo através da arte? Por que tantos querendo produzir pelo simples fato de achar compatível a sua divulgação? A arte tem a sua peculiaridade e somente espíritos de talento podem alcançar esse “mais além”. Muitas vezes o materialismo vem encoberto por uma linguagem camuflada, visando apenas remediar um assunto ou estabelecer algo menor em nome da chamada “licença poética”.

Convidando-nos à reflexão, citamos como exemplo, o artigo “Influência perniciosa das ideias materialistas” do livro *Obras Póstumas*.

“A decadência das artes, neste século, resultou inevitavelmente da concentração dos pensamentos sobre as coisas materiais, o que, a seu turno, é o resultado da ausência de toda crença, de toda fé na espiritualidade do ser”.

O século apenas colhe o que semeou. Quem semeia pedras não pode colher frutas. As artes não sairão do torpor em que jazem, senão por meio de uma reação no sentido das ideias espiritualistas.

Portanto, devemos verificar sempre o que vamos consumir, para não nos prestarmos ao serviço de divulgadores imparciais em nome da caridade, sem o mínimo critério de avaliação raciocinada.

Léon Denis nos deixou também muitas informações com respeito à arte. Devemos, na medida do possível, nos debruçar sobre seus esclarecimentos orientadores e tirarmos nossas próprias conclusões. Vejamos o que diz o filósofo do Espiritismo:

“A beleza é um dos atributos divinos. Deus colocou nos seres e nas coisas esse misterioso encanto que nos atrai, nos seduz, nos cativa e enche a alma de admiração.”

A arte é a busca, o estudo, a manifestação dessa beleza eterna, da qual aqui na Terra não percebemos senão um reflexo. Para contemplá-la em todo o seu esplendor, em todo o seu poder, é preciso subir de grau em grau em direção à fonte da qual ela emana, e para a maioria de nós esta é uma tarefa difícil. Podemos, ao menos, conhecê-la através do espetáculo que o universo oferece aos nossos sentidos, e também através das obras que ela inspira aos homens de talento.

O Espiritismo vem abrir para a arte novas perspectivas, horizontes sem limites. A comunicação que ele estabelece entre os mundos

visível e invisível, as informações fornecidas sobre as condições da vida no Além, a revelação que ele nos traz das leis superiores da harmonia e de beleza que regem o universo, vem oferecer a nossos pensadores, a nossos artistas, inesgotáveis temas de inspiração.

A observação dos fenômenos de aparição proporciona a nossos pintores imagens da vida fluídica, das quais James Tissot já pôde tirar proveito nas ilustrações de sua *Vie de Jésus* (*Vida de Jesus*). Oradores, escritores, poetas, encontrarão nesses fenômenos uma fonte fecunda de ideias e de sentimentos. O conhecimento das vidas sucessivas do ser, sua ascensão dolorosa através dos séculos, o ensinamento dos espíritos a respeito dessa grandiosa questão do destino, lançarão em toda a história uma inesperada luz e fornecerão ainda aos romancistas, aos poetas, temas de drama, móveis de elevação, todo um conjunto de recursos intelectuais que ultrapassarão em riqueza tudo o que o pensamento já pôde conhecer até o momento.

Quando refletimos a respeito de tudo o que o Espiritismo traz à humanidade, quando meditamos nos tesouros de consolação e de esperança, na mina inesgotável de arte e de beleza que ele nos vem oferecer, sentimo-nos cheios de piedade pelos homens ignorantes e pérfidos cujas malévolas críticas não têm outra finalidade senão desacreditar, ridicularizar e até mesmo sufocar a ideia nascente cujos benefícios já são tão sensíveis. Evidentemente essa ideia em sua aplicação, necessita de um exame, de um controle rigoroso,



mas a beleza que dela se desprende revela-se deslumbrante a todo pesquisador imparcial e a todo observador atento.

A insensibilidade do materialismo havia esterilizado a arte, que se arrastava na estreiteza do realismo sem poder elevar-se ao máximo da beleza ideal. O Espiritismo veio dar-lhe novo curso, um impulso mais vivo em direção às alturas, onde ela encontra a fonte fecunda das inspirações e a sublimidade do gênio.

Extraído de www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/correio-cultural/983-o-que-dizem-os-espíritos-sobre-a-arte. **REE**



revista EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Campanha para NOVOS Assinantes

Já somos mais de 1.700, vamos aumentar esse número?
A assinatura da *Revista Educação Espírita* é **gratuita**.
Espalhe o link de cadastro para seus amigos e em suas redes
sociais:



bit.ly/revista-educacao-espirita

Abraços,
Marcus De Mario, Editor-chefe

Divulgando

Redação

PASSATEMPO ESPÍRITA

É um site sem fins lucrativos, destinado a evangelizadores, pais e interessados na educação moral das

crianças e adolescentes, que tem por objetivo principal oferecer um estudo sistematizado da Doutrina Espírita para principiantes, utilizando-se de diversos materiais didáticos que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem. Os recursos disponíveis são ferramentas para elaboração das aulas de evangelização infantil espírita. Por meio das histórias, dinâmicas, músicas, atividades e jogos, os evangelizados poderão ter um aprendizado apropriado a sua faixa etária. Acesse www.passatempoespirita.com.br.

PASSATEMPO ESPÍRITA
EVANGELIZAÇÃO INFANTIL, JUVENIL E PARA ADULTOS

ÁREA DE INFÂNCIA E JUVENTUDE

Espaço destinado aos corações que se dedicam à sublime tarefa da Evangelização Espírita, auxiliando

as crianças e jovens em seu processo de aprimoramento e contribuindo para a edificação do Mundo Novo! Considerando a relevância da tarefa, o site foi organizado com o objetivo de oferecer um ambiente acolhedor de aprendizado, intercâmbio e construção criativa de subsídios para a ação evangelizadora espírita, de modo a colaborar com a sua permanente dinamização. Você poderá transitar em 4 grandes ações – Conhecer, Aprimorar, Criar e Unir – e acessar subsídios relevantes para fortalecer, continuamente, a sua prática na Evangelização. Acesse www.febnet.org.br/aij.



MANUAL DO EVANGELIZADOR

Somos evangelizadores e gostaríamos de compartilhar nossas produções nesta tarefa maravilhosa de espargir

os ensinamentos de Jesus. Nosso objetivo é ampliar estudo e análise da evangelização e do uso da didática como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Os irmãos perceberão que se trata de material simples, composto de metodologia participativa, resultado de reflexões, pesquisas e aplicações que contribuíram em nossa tarefa. Apresentamos um programa que segue a linha da educação dos sentimentos. Com base no Evangelho de Jesus à luz da Doutrina Espírita, propomos atividades construtivas para que o evangelizando se envolva nos conceitos e reelabore-os para aplicação em seu dia a dia. Acesse www.manualdoevangelizador.com.br.



Manual do Evangelizador

Pensando a educação

De modo efetivo, o Espiritismo tem uma feição eminentemente educativa pelo fato de libertar consciências e aprimorar sentimentos, de acordo com o próprio conceito que faz da educação como processo de formação moral e espiritual do homem (Espírito imortal).

Cecília Rocha, em *Sublime Sementeira*, FEB Editora.

A criança de agora erigir-se-nos-á fatalmente em biografia e retrato depois. Além de tudo, é preciso observar que, segundo os princípios da reencarnação, os meninos de hoje desempenharão, amanhã, junto de nós, a função de pais e conselheiros, orientadores e chefes. Não nos cansemos, pois, de repetir que todos os bens e todos os males que depositamos no espírito da criança ser-nos-ão devolvidos.

Emmanuel, em *Luz no Lar*, FEB Editora.

Quem evangeliza uma criança prepara para si mesmo um berço ditoso para o futuro. Não desanimemos se outros negacearem com o dever. Perseveremos, embora não colhemos de imediato os opimos frutos com que sonhamos.

Francisco Spinelli, em *Crestomatia da Imortalidade*, Leal Editora.

Que dirigentes e diretores, colaboradores, diretos e indiretos, prestigiem sempre mais o atendimento a crianças e jovens nos agrupamentos espíritas, seja adequando-lhes a ambiência para tal mister, adaptando ou, ainda, improvisando meios, de tal sorte que a evangelização se efetue, se desenvolva, cresça, ilumine.

Guillon Ribeiro, em *Sublime Sementeira*, FEB Editora.

A educação encontra no Espiritismo respostas precisas para melhor compreensão do educando e maior eficiência do educador no labor produtivo de ensinar a viver, oferecendo os instrumentos do conhecimento e da serenidade, da cultura e da experiência aos reiniciantes do sublime caminho redentor, por meio dos quais se tornam homens voltados para Deus, o bem e o próximo.

Joanna de Ângelis, em *SOS Família*, Leal Editora.